

Annibal Soares



Chronica

do

Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adiantado	Anno	Fr. 14 .
	Semestre	— 7.50
	Numero avulso	— 0.30

SUMMARIO :

Carta ao cidadão Nunes Loureiro. Influencia da pargo nas concepções da politica.

O julgamento do "Café". Remedio para amaciar as bravezas de Marte. Um conceito do Presidente.

Carta ao vereador Nunes Loureiro corrido á bofetada e a pargo atravez das ruas de Lisboa pelo Povo irmão.



CIDADÃO!

Acaba a CHRONICA de considerar n'este momento, em attenta e recolhida leitura, as locubrações de philosophia politica e social que o Cidadão entendeu dever transmittir ao DIARIO DE NOTICIAS, depois e em virtude da singela mas eloquente manifestação, de que ha poucos dias se encontrou alvo por parte da machadinha, do pargo cru e do duro e democratico tamanco de numerosos seus municipales e eleitores.

Ha n'essa sua carta um periodo, que mais particularmente despertará a attenção dos futuros commentadores da actual época historica e das suas grandes figuras. E' o que em seguida vae na integra transcripto :

« Sem querer censurar seja quem fôr, seja-me permitido estranhar que um cidadão no exercicio de funcções publicas, ao sair dos Paços do Concelho, fosse pers guido pela multidão desvairada até á Avenida da Liberdade — não indo mais longe devido á velocidade adquirida pelo carro — sem que se procurasse

detel-a, permitindo-se um espectáculo improprio de uma cidade civilisada. »

Admiremos, Cidadão Loureiro, a influencia que uma simples e desataviada sova póde exercer n'um espirito democratico, nas suas noções sobre a civilisação e na sua visão dos phenomenos sociaes !

Ha para cima de dois annos que a mesma *multidão desvairada* a que a sua epistola se refere anda — « sem que ninguem procure detel-a » — perseguindo, insultando, aggreindo, vexando, e até mesmo algumas vezes matando, cidadãos que no exercicio ou não de funções publicas teem a hombridade de não querer commungar nos principios d'opressão e de rapina que constituem a base do vosso governo republicano.

Ha mais de dois annos que nem ideias, nem crenças, nem sentimentos, nem instituições, nem collectividades, nem individuos, encontram em Portugal guarida perante a sanha feroz de turbas de faccinoras, açuladas pelos governantes, pelos follicularios, pelos palradores de toda a casta e lançadas á rua como trombas devastadoras destinadas a aluir, a esmagar, a subverter tudo quanto constitue em direitos e em tradicções o patrimonio da civilisação nacional.

E o Cidadão Loureiro, calado como um rato : o Cidadão Loureiro, que exercia um cargo municipal e nas sessões da sua tribuneca frequentemente se estarrecia d'admirativo pasmo ante as virtudes, a omnisciencia, a omnipotencia e a generosidade infinita do que então chamava respeitosaente — o *nobre Povo de Lisboa*. Viu as multidões esmagar turbulentamente uma das mais sagradas manifestações da liberdade, a liberdade do pensamento, escavacando impressas, supprimindo jornaes, perseguindo jornalistas e obtendo dos dirigentes o seu exilio.

Viu invadidos, profanados e saqueados os templos, os sacrarios e 'as imagens que symbolisam a fé legitima e veneranda da immensa maioria dos portuguezes « sem que se procurasse deter » essa furia destruidora e liberticida da multidão ululante ; viu verdadeiras hordas de cannibae abaterem-se sobre

levas de prisioneiros indefesos, para os vituperarem, baterem e escarrarem ao abrigo d'uma impunidade garantida por tropas cúmplices ou acobardadas ; viu as mesmas multidões irromperem nos tribunaes de justiça, ameaçadoras e aggressivas, para impõem aos juizes a sentença que havia de sepultar em masmorras sepulchraes accusados politicos, innocentes ou não ; viu-as arremessar-se atravez das ruas sobre suspeitos, cidadãos pela maior parte não só inoffensivos mas destituídos de qualquer qualidade official que os fizesse merecer as cóleras publicas ; viu-as assassinar impunemente réus politicos, já absolvidos em rigorosissimos tribunaes ; viu-as — espectáculo produzido pela primeira vez no mundo ! — cobrir de vituperios e d'affrontas e perseguir á cacetada e a tiro collectividades que pretendiam ir ao parlamento... reclamar contra um augmento d'impostos.

E o Cidadão Loureiro assistiu com indifferença, senão com jubilo, a todos estes attentados inauditos. Podiam subverter-se principios, tombar religiões, aniquillar-se nacionalidades — que o Cidadão não chegaria jamais a achar qualquer d'estas tremendas coisas « um espectáculo improprio d'uma cidade civilisada. »

Mas eis que uma peixeira audaciosa lhe dá com um pargo na cara — e logo todas as concepções politicas do estimavel concidadão trocam os pés com a cabeça !

Logo o Povo Soberano deixou de ser aquella divindade infallivel cujos procedimentos são sempre veneraveis e rectos, para se tornar em « *multidão desvairada* », capaz de commetter para com o Cidadão Loureiro « *revoltantes injustiças* » ; logo a policia civil deixou de ser uma corporação ominosa, inventada pela Monarchia portugueza com o cavilloso designio de tyrannisar o Povo, para se transformar n'um auxiliar precioso e dedicado que defende os Cidadãos Loureiros, mettendo-os dentro de carros electricos para os furtar ás « *selvagerias* » da mulher do carapau ; logo começa a ser estranhavel que indo uma turba em desordem atraz d'um individuo desde os

Paços do Concelho até á Avenida da Liberdade, a auctoridade publica não tenha prestado mais protecção ao perseguido, confiando a defesa da sua vida exclusivamente á boa-vontade d'um guarda-freio e aos precarios acasos da velocidade d'um carro electrico !

Ora se o Cidadão Loureiro tinha que chegar, depois do pargo, a todas estas solidas conclusões sobre as inconstancias, as injustiças e o desvairamento da multidão e sobre a necessidade d'uma auctoridade bastante forte para a conter, porque é que ha-de ter passado a sua vida, desde o seio da familia até á Camara Municipal, a dar murros na meza de jantar e na da sala das sessões, vociferando contra estes *thalassas* e estes *reaccionarios*, que afinal de contas tiveram sobre o senhor a vantagem de conceber as mesmas opiniões, mas sem pargo e sem tamanco de peixeira?...

Já com o seu correligionario Antonio José d'Almeida aconteceu coisa semelhante ; foi preciso darem-lhe uma sova em plena praça do Rocio para que elle começasse a suspeitar da existencia da demagogia, e a achar excellente um esquadrão da guarda municipal, quando esse esquadrão tem por fim proteger um automovel, dentro do qual vae um caudilho em bolandas. E o seu correligionario Affonso Costa tambem ha-de ser favorecido pela Providencia com uma visão mais lucida das conveniencias publicas, quando lhe soar a hora do seu pargo, que chega a todos ; pois a respeito dos idolos do povo lá dizia, com tantos outros, o nosso Camillo, que o povo « assim os quer esfarrapados, ou tarde ou cedo os esfarrapa, se elles lhe caem nas mãos bem ageitados... »

O senhor declara que como vereador municipal se inspirou sempre « nos mais elevados sentimentos de justiça » ; que « defendeu intransigentemente os legitimos interesses de povo » ; que por causa do povo se depauperou physiologica e financeiramente. Admittamos que é assim. Ademais acontece que, na especie, o senhor era exactamente da opinião dos populares ;

o senhor queria precisamente o que os manifestantes queriam — e todavia os manifestantes apuparam-no, aggrederam-no e talvez o tivessem espostejado com a tal machadinha, se não fôsse o auxilio providencial da policia, do cidadão José Silveira e d'um opportuno mas meramente fortuito carro electrico.

Ora, Loureiro amigo, o que lhe aconteceu a si acontece a toda a gente que norteia pela estrella da popularidade o rumo da sua vida publica. A populaça acaba sempre por asphyxiar os que se lhe lançam nos braços — mas sobretudo e mais depressa os que sinceramente a pretendem servir.

Só ha duas categorias de homens que cortejam e adulam a multidão : os velhacos e os ingenuos, a quem outros chamam tolos, talvez mais precisamente.

Os velhacos são os Affonsos Costas, os Britos Camachos, os Antonios Josés e atraz d'elles toda a chusma infinita de demagogões e demagoguetes, que vivem no mar d'odios da turba como o *bacillus virgula* no vomito dos colericos, e que precisam d'ella para saciar as suas vaidades morbidas ou para levar a bom termo os seus negocios escuros.

Tire a Affonso Costa a *chantage* do MUNDO, a coacção sobre os jurados e sobre os juizes por intermedio das multidões e ultimamente do ministerio da justiça, e esse advogado de má-morte — cuja inepecia como jurisconsulto está attestada na sua obra como ministro — não terá mais uma causa forense no seu escriptorio. Tire a Antonio José d'Almeida o pouco que lhe resta das acclamações populares e esse *chefe de partido*, incapaz de ordenar um periodo onde as mais chatas banalidades não alternem regularmente com as mais imprevistas baboseiras, passará á categoria d'uma especie de *Rei da Madureza* attenuado, isto é, com menos graça do que o chefe da dynastia, e absolutamente destituído de imputação intellectual entre os homens politicos do seu paiz, quaesquer que elles sejam.

Esses é justo que levem com o pargo, que representa para elles a *espinha do officio*, uma especie de contra-

partida dos beneficios e satisfações da sua profissão de jacobinos. De resto abundam os que, ao receberem esse derradeiro presente da munificencia popular, já teem arrecadado um peculio para o azeite e para as batatas com que hão-de fazel-o acompanhar na sua meza de reprobos. Estes, os velhacos.

Os tolos são os Cidadãos Loureiros a quem os acasos da politica, por mais que lhes sejam propicios, nunca podem tirar de pé de pecegueiro, e que entram n'ella de cabeça com uma unica perspectiva certa, que é a do tamanco das peixeiras da Ribeira Nova, ou dos outros dos elementos componentes da massa popular.

O senhor é possivelmente um habil commerciante, um bom chefe de familia e um arguto jogador de dominó. Podia ser a esta hora um homem feliz, vendendo saude, vendo prosperar os seus negocios e tendo ás noites grandes questões com o seu primeiro caixeiro, sobre a razão porque elle poz sena e terno, em vez de jogar prudentemente o double-quina.

Assim, está arrazado do estomago ou do bofe, deixou embrulhar as contas do seu *Diario* com as do DIARIO DO GOVERNO, e encontra-se execrado pelo Povo, em cujas mysteriosas virtudes residia talvez, á falta d'outro ideal, a sua fé religiosa.

Pois faça agora, Cidadão desgraçado, como aquelles grandes peccadores da antiguidade, que a meio d'uma vida tormentosa e mofenta se arrependiam, correndo para as solidões calcinadas do deserto a merecer e a implorar a clemencia divina ; e assim como elles não tiravam da sua companhia uma caveira resequida querendo ter perennemente deante dos olhos a lembrança do *fim* de todas as coisas vãs d'este mundo miseravel — mande, desabusado Loureiro, affixar no balcão da sua loja, na banca do seu escriptorio, no tecto da sua alcova de dormir, espinhas esbrugadas, com este distico soturno em fundo negro : — LEM-BRA-TE QUE A GLORIA É PARGO, E TUDO ACABA EM PARGO !...

O julgamento do « Café » Eu gostava de ter assistido, no « Tribunal Marcial de Lisboa », ao julgamento do *Café*...

« Gostava », também é modo dizer. Porque os mavorricos julgadores se me apanhassem lá, a mim que não tenho carbonarios para acenarem aos olhos dos guerreiros com o cavallo-marinho milagroso, aferrolhavam-me na Penitenciaria toda a vida, por menos que eu tivesse pensado em commetter sequer um delicto, mesmo politico ; ao passo que o *Café* foi absolvido.

Mas sem este perigo — um perigo que só correm nos « Tribunaes Marciaes » os innocentes e os indefesos — dava um mez de soldo a tres ou quatro d'aquelles julgadores terriveis, para me deixarem presenciarem tão deliciosa farça.

As narrativas dos jornaes, as noticias particulares e o conhecimento da sentença, permitem reconstituir o quadro.

Ao alto, fardadissimo, n'um enorme cadeirão, o presidente. É um coronel. Não o conheço ; faço ideia d'um homem majestoso, todo debruado de galões, com uns grandes bigodes medonhos, uma pera rebarbativa, d'arremesso, e um vozeirão que tendo outr'ora aterrado os cabos republicanos é agora de metter pelo chão abaixo os accusados... monarchicos.

Em torno d'elle, abaixo, á direita, á esquerda, um grande apparatus militar, auditores, defensores, jurados, tilintando sabres, luzindo doirados, pellicas, bandas vermelhas, e tudo isto realçado nas suas suggestões imponentes pelo bater surdo das coronhas da guarda de honra no sobrado : é o severo e temido « Tribunal Marcial de Lisboa », que tem arrancado tanta lagrima ás esposas e aos filhos privados d'amparo e de pão, que tem custado tanta amargura e tanto soffrimento, tanta incerteza e tanta anciedade ás victimas designadas as suas furias de féra amestrada, e com a mais bestial inconsciencia ou o cynismo mais perverso vem fazendo golfar sobre os carceres

penitenciarios e os subterraneos horrendos da Trafaria todos os desditosos que a sêde de torturas da demagogia ameaçadora submette, mediante umas duzias de mil réis mensaes, ás suas subservientes vindictas, sem distincção d'idades nem de condições.

Fóra da teia, nas bancadas, agglomera-se, comprime-se, palavreando entre si, ou fitando d'alto e d'esguelha a militança, uma multidão em que abundam as calças de *boca de sino* ou as figuras de trunfa e grande laço preto, nervosas, irrequietas, coçando a barba, avançando para os juizes, que baixam a vista, uns queixaes de mastim, ameaçadores. São os « carbonarios », os fiscaes, os senhores, deante de cujo olhar turvado os montantes guerreiros, lá adeante, se poem a tremelicar por si proprios na bainha.

Os jornaes informam todos que a concorrência era n'esse dia excepcional. Excepcional, e singularmente irritada. Pois que Republica é esta, que submette o cidadão *Café* ao vexame incomportavel de vir ao banco dos reus, e perante o *Tribunal Marcial*, feito para condemnar *thalassas*, isto sob a accusação verdadeiramente irrisoria de « trazer comsigo duas bombas com envolucro de ferro fundido, de forma esferica, contendo metralha de ferro, com uma mistura explosiva de chlorato de potassio e sulfureto de antimonio, proprias a exterminar pessoas e causar estragos em edificios » ?

Então já um honrado republicano não pode metter duas bombas na algibeira para aquillo que lhe for preciso? Então já um bom patriota não pode exterminar a dynamite meia duzia de reaccionarios, fazer voar uma igreja, ou mesmo produzir apenas um alarme no Rocio, em aviso salutar aos traidores? Volta-se então aos tempos de obscurantismo, do juizo d'instrucção, da guerra ás bombas, da sujeição dos republicanos ás penalidades de codigo?

Ah, não ! Os patriotas ali estavam, a velar pela honra da Republica, pela liberdade da bomba, pelas immunidades sagradas dos cidadãos carbonarios...

Corriam rumores irados. Apertavam-se nas mãos cacetes, coronhas de revolver, cavallos-marinhos, envolveros de forma espherica contendo metralha de ferro. Prevendo a condemnação do *Café*, alguns carbonarios mais violentos propunham que em tal caso os jurados fôsem todos promovidos a generaes, vingança terrivel que os poria abaixo de toda a gente, desde o coronel ao galucho. Os mais moderados contravinham que talvez bastasse, como lembrete, uma carga de pau, tanto mais que o ministerio da Guerra não deixaria d'annullar a sentença e d'obrigar a absolver o réu os mesmos que o tivessem condemnado.

No meio de tudo isto havia só uma pessoa de bom-humor e em optima disposição d'espírito. Era o *Café*.

Elle sabia muito bem que tudo aquillo era uma comedia. Solidamente protegido pela sombra dos cavallos marinhos, de cada vez que elle erguia a voz os julgadores sentiam-se sovados, pelo menos transferidos para Pinhel ou para a Ilha do Pico — e entaramellava-se-lhes a lingua com que o iam interrogando *pro forma*.

Por isso o *Café*, por seu turno, tem a elocução facil, o ar feliz, a resposta prompta e complacente, sem deixar de ser altiva e mesmo um tudo-nada desdenhosa. Magnanimamente, elle consente em figurar de réu; os jornaes registam mesmo, em homenagem devida á sua cordura civica, que o *Café* « responde a tudo o que lhe é perguntado, e *com muita correção* ». Mas no fundo está a desfructar aquelles sujeitos. « Por vezes — mencionam ainda os jornaes — causa a hilariedade no tribunal ». Os coroneis, os majores, os capitães, de cada vez que o *Café* debita uma graça, fazem tambem semblante de sorrir. Mas é um sorriso amarello, coado pelas nuvens das mais tristes apprehensões.

O *Café* agora invoca os seus « relevantes serviços prestados á Patria ». O exercito, pelas suas altas patentes ali congregadas, curva-se, respeitoso e venerador.

— E já esteve preso, o sr. *Café*? Quantas vezes?

Oh! sim, talvez... Uma insignificancia... *Café* não póde precisar... Umas seis ou oito vezes. Mas, bem vistas as coisas, sempre para servir a Patria.

E logo accusa, increpa os poderes publicos, por o terem mettido no Limoeiro, a elle patriota *Café*, n'uma repugnante promiscuidade com os conspiradores. Ao menos, no tempo da Monarchia, não se soffriam d'estes vexames nas cadeias portuguezas! E inflammando-se, suggestionando-se ao calor da sua mesma cólera respeitavel, o *Café* começa a perorar contra as regalias intoleraveis que se concedem n'este paiz aos traidores, cita factos, allude a verdadeiras procissões de visitantes, que aquella gente recebe nos carceres da Republica, como em *five ó clocks* elegantes!... Na sala perpassa um sopro de furia carbonaria. Recrudescem os murmúrios, esboçam-se protestos...

Então os coroneis não podem mais — e escagarriham-se de susto. Uma pausa. Alguns baldes d'agua, roupa nova para os snrs. juizes, e segue a cerimonia augusta.

O *Café* confessa que trazia os « envolucros de ferro com substancia explosiva ». Trazia sim senhores. Mas era para arrebentar os monarchicos. Em resumo, não era para causar damno.

— Não era para causar damno? — frisa o tribunal.

— Não senhor.

E a discussão agora começa a girar sobre este ponto: se um sujeito que traz consigo duas bombas de dynamite, no confessado proposito de usar d'ellas... as traz ou não para causar damno.

O defensor repete, solemnemente, que da parte do *Café* semelhantes intuitos criminosos não existiam, nem podiam existir. Mas contra a ousada affirmação se insurge, violentamente, o capitão promotor de justiça. Como podia o snr. defensor assegurar que as bombas de cidadão *Café* não se destinassem a fins criminosos? Quem o auctorisa a fazer perante o respeitavel tribunal uma declaração de tal gravidade?

E n'uma rajada d'eloquencia profere então este conceito decisivo, fixando uma doutrina juridica que fica para sempre como um remedio bemdito de todos os accusadores em calças pardas : « Não pode affirmar que o accusado levasse as bombas com o fim de causar damno, mas o sr. advogado tambem não pode affirmar o contrario. SÓ O RÉU O PODE DIZER ! »

Esta descoberta produziu no animo da militança um allivio e uns jubilos que a penna mais perita renunciaria a descrever. Houve, em olhos habituados ao spectaculo das carnagens nos campos de batalha, lagrimas d'enternecimento e de gratidão.

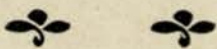
O jury, tilintando as esporas, recolhe á sala das deliberações. Dez minutos apenas — o tempo d'escrever e assignar — e eis as respostas.

O presidente pigarreia, desembainham-se as espadas (suspende, Seabra !...) e ouve-se o solemnissimo annuncio : — *Em nome da Lei, vae ser lida a sentença !*

E está absolvido o *Café*, terminando tudo n'um *Viva á Republica !* soltado pelo réu e muito correspondido pelos circumstantes.

Os julgadores fôram muito cumprimentados pelos seus numerosos amigos. Pudéra : tinham escapado de boa !...

Tres dias depois, em signal de regosijo, mandavam para a Penitenciaria mais uma fornada d'innocentes.



Como os republicanos teem razão em os levar como os levam !... E quiz a Monarchia tratál-os com respeito, dar-lhes prestigio, impol-os á consideração publica !



O pensador de Paço de Belem foi ultimamente visitar a Escola Polytechnica de Lisboa.

A certa altura mostra-lhe o director a saleta d'espera dos alumnos; e lamenta-se :

— Como v. exa. vê é uma salinha pequena, não se pode arranjar mais espaçosa...

E logo o Presidente erguendo a fronte, e pondo ao ar o dedinho sentencioso :

— Tambem a cabeça é bem pequena, e cabem dentro d'ella muitas ideias !...

Foi um pasmo geral.

— Em que se parece uma cabeça com uma sala d'espera? — perguntava d'ahi a pouco um estudante.

— A do Presidente parece — replicou de lado um camarada.

— ?...

— Porque na cabeça d'elle todas as ideias estão... *esperadas*.

ANNIBAL SOARES.

